AHMET ÜMİT

Um conto dentro de um conto

Ilustrações
Cem Kızıltuğ

Tradução
Alípio Correia de Franca Neto

Tabla.

Para os netos de minha mãe, Fatma Ümit:

Nesrin,
Onur,
Nuray,
Taner,
Eylem,
Oya,
Baris,
Emek,
Erdem,
Filiz,
Gul,
Murat,
Firat,
Melih,
Gunes,
Meriç,
Mehmet,
Sinan,
Sayhan,
Yigit,
Yagmur,
Doga,
Defne
e Ruzgar. Com amor...

Os contos deste livro, eu os ouvi de minha mãe. Minha mãe os ouviu de um contador de histórias há quase sessenta anos. Meu avô adorava contratar um contador de histórias para alegrar o coração de sua filha querida. Ela ouviu muitas histórias, embora nem sempre pudesse se lembrar de todas, e me transmitiu várias delas, apesar de eu também não me lembrar de todas. Para ser franco, por muito tempo me esqueci até mesmo das histórias presentes neste livro.

Anos depois, voltei à casa de meus pais em Antep e por acaso minha mãe as recontou. A beleza daqueles contos me cativou. Minha mãe era uma excelente contadora de histórias, mas não foi apenas sua eloquência que me tocou. O segredo daquela beleza estava oculto na forma literária surpreendente e nas mensagens profundas de seu conteúdo. A natureza fundamental da humanidade se desdobrava de maneira tão prosaica diante dos olhos, que era impossível não admirar aquelas narrativas.

Ouvindo-as novamente, me dei conta de que elas tinham que ser redigidas. Fui levado a essa conclusão por medo de que, neste mundo contemporâneo, onde somos dominados pela narrativa visual, aquelas histórias, dependentes da palavra falada, se perdessem. Então, comecei a colocá-las no papel, adaptando-as e polindo-as aqui e ali, mas sem adulterar sua essência.

Suponho que tal contingência seja comum a todas as histórias contadas e recontadas oralmente e posteriormente compiladas. Cada narrador e ouvinte, por sua vez, aprimora a história ou lhe causa prejuízos, acrescentando a ela um pouco de si.

Assim, foi com grande entusiasmo que me lancei à tarefa de registrar esses contos, enriquecidos pelo mundo onírico de minha mãe, uma extraordinária contadora de histórias.

PALÁCIO
CIDADE DO CEGO
CIDADE DO FERREIRO
CIDADE DO JOALHEIRO

CIDADE DO CHAPELEIRO
CIDADE DO MUEZIM
Um conto dentro de um conto
N
O
L
S

Sumário

Um conto dentro de um conto • 11
O que o Chapeleiro contou • 31
O que o Muezim contou • 51
O que o Ferreiro contou • 73
O que o Joalheiro contou • 85
O que o Cego contou • 107

1

Um conto dentro de um conto

Era uma vez... num lugar muito distante, onde uma peneira repousava em uma pilha de feno enquanto djins competiam em um velho banho turco, um belo país, com um céu reluzente, um mar cintilante e campos fecundos. Esse país era governado por um jovem Sultão, que estava longe de ser um governante qualquer, pois não se parecia em nada com os demais: não tinha uma cara feia nem o menor interesse pela guerra. Ele almejava a felicidade de todos. Trabalhava duro para melhorar seu país. O povo amava o Sultão e todos desejavam seu bem-estar. Na verdade, ao tratá-los bem, ele mais do que merecia o amor que recebia. Não costumava hesitar em se valer dos tesouros do país em prol de seu povo e não perdia uma oportunidade de ajudar os pobres e os órfãos.

No entanto, nosso Sultão tinha um pequeno defeito: adorava se gabar. Sempre que fazia uma de suas boas ações, mais tarde se instalava no trono e começava a explicar:

— Hoje eu dei essa e aquela quantidade de ouro aos pobres. Enchi a barriga dos famintos e confortei os órfãos de tal e tal maneira.

Tão logo o Sultão começava a se vangloriar, todos os aduladores se reuniam, aplaudindo cada palavra sua e enchendo-o de bajulações sem fim.

Só uma pessoa no palácio se entristecia com o pendor que o Sultão tinha a se gabar. Era o Grão-Vizir, amigo de infância do governante. Ele odiava ver alguém tão querido passar por tolo. Queria muito que o Sultão se livrasse daquele costume absurdo, mas não tinha ideia de como fazer seu amigo abandonar o triste hábito de se regozijar com falsos elogios.

Então, num daqueles dias de boas ações, o Grão-Vizir se sentou ao lado do trono e esperou pacientemente que a vaidade do amigo aflorasse. O Sultão então, devidamente aninhado e com uma expressão de doce fadiga no rosto, sorriu cheio de si. Ao ver aquele sorriso, os aduladores foram em sua direção como moscas ao mel. O Sultão se pôs a enumerar os feitos do dia, um por um. Os contou e recontou. Nem bem terminara, um de seus aduladores interveio:

— Sua Alteza Real, ninguém na face da terra é tão bom ou generoso quanto vós. As pessoas jamais terão condições de retribuir tais favores.

O Sultão, impressionado com essas palavras edulcoradas, olhou orgulhoso para o adulador e indagou:

— Acha isso mesmo? Não existe de fato ninguém melhor nem mais generoso do que eu?

Ao que o Vizir, sem perder o ritmo, interrompeu antes que o adulador pudesse responder:

— Perdoe-me, Alteza, mas na verdade há sim quem seja mais generoso que vós.

A resposta pegou o Sultão de surpresa; uma nuvem escura

foi se formando e assentando sobre seu rosto. Suas sobrancelhas grossas se franziram e relâmpagos reluziram pelos olhos cor de mel. Os que estavam em sua presença baixaram a fronte com medo. Todos, menos o Vizir, que olhou destemido diretamente nos olhos do Sultão.

— Vizir — bradou o Sultão —, você tem alguma ideia do que está dizendo?

O Vizir baixou a cabeça.

— Apenas respondi à vossa pergunta, Alteza — disse ele.

— Fosse outro qualquer — disse o Sultão — e eu já teria sua cabeça. Mas como gosto demais de você... me responda então, por que diz isso?

— Sua Alteza, como todos os seus súditos, eu vos desejo apenas o melhor. Mas não consigo mentir. Há um homem cego num reino vizinho que é mais generoso que vós. Ele oferece uma bolsa de ouro a todo aquele que lhe golpeia a nuca...

— Todo mundo que lhe golpeia a nuca?

— Todo mundo que lhe golpeia a nuca. A cada manhã, esse homem acorda cedo, puxa a camisa sem colarinho por sobre a cabeça e se senta na praça da cidade. Todos os que o atacam recebem dele uma pequena bolsa de ouro.

O Sultão olhou desconfiado para o Vizir e disse:

— Isso soa altamente implausível. É melhor que não esteja enganado.

— É muito simples, Alteza — respondeu ele. — O Cego mora a apenas um dia de viagem daqui. Vamos nos disfarçar e ir até ele. Podereis ver com os próprios olhos o que está acontecendo.

O Sultão parou.

— Será mesmo?

Mais uma vez o Vizir estava preparado para responder antes que os aduladores pudessem se opor.

— Por que não? — replicou. — Isso vos daria a chance de ver outros países e conhecer novas pessoas.

A nuvem escura pairando sobre o rosto do Sultão se dissipou. Ele sorriu vagamente.

— Está bem. Mas se isso não for verdade, saiba que você será deposto imediatamente.

— Como achar melhor, Alteza — disse o Vizir.

Os preparativos começaram e no dia seguinte o Sultão e seu Vizir, ocultos em seus disfarces de comerciantes, pegaram o dinheiro necessário para a viagem e partiram.

Andaram por um dia e uma noite, chegando na manhã seguinte à cidade onde morava o Cego. Na praça da cidade, avistaram uma longa fila de pessoas. Ao se aproximarem do início da fila viram o Cego, exatamente como o Vizir explicara, sentado no chão de pernas cruzadas e com a nuca mais vermelha do que uma beterraba. Não demoraram muito para entender o motivo. O primeiro da fila se aproximou do Cego e lhe desferiu um forte golpe na nuca. O homem espancado tombou para a frente, mas, curiosamente, deu a impressão de ter sentido um grande alívio quando deveria estar se contorcendo de dor.

— A justiça se faz! — proclamou o Cego enquanto se dobrava. Da bolsa a seu lado tirou uma outra, pequena e cheia de ouro, que ofertou ao homem. O Sultão observava tudo aquilo boquiaberto. O Vizir, orgulhoso por ter provado que estava certo, sorriu presunçosamente sob o bigode. Os dois então se retiraram para um canto da praça e observaram o Cego por

horas. Quando o sol se pôs e a multidão começou a se dispersar, o Cego aos poucos se recompôs. Atirou a bolsa sobre um dos ombros e partiu, tenteando o caminho com a bengala.

O Sultão e o Vizir cuidadosamente se dirigiram a ele.

— Podemos trocar umas palavras? — perguntou o Vizir.

Assustado, o Cego estremeceu.

— Sobre o quê? — indagou, voltando-se na direção da voz.

— Por que — disse o Sultão, respondendo à pergunta com outra pergunta — você dá uma bolsa de ouro a todos os que o atacam?

O Cego entendeu que, além da voz que perguntava, havia mais uma pessoa ali, o que o deixou ainda mais apreensivo.

— Quem são vocês? — questionou.

— Apenas dois viajantes — respondeu o Sultão, com voz mais branda. — Ouvimos falar de sua reputação nas terras distantes de onde partimos. Ficamos curiosos com sua história e viemos até aqui para ouvi-la. Por favor, não nos deixe ir embora insatisfeitos.

— Está bem — respondeu o Cego, depois de considerar a questão por um momento. — Vou contar minha história. Contudo, toda revelação tem seu preço. Se concordarem, vou satisfazer sua curiosidade.

— Diga quanto dinheiro quer e lhe pagarei — prometeu o Sultão.

— Nem todo preço se mede com moedas — disse o Cego. — Não preciso de dinheiro.

Foi a vez de o Vizir ficar perplexo.

— Então, o que você quer? — perguntou.

— O que quero é simples. Há uma cidade a dois dias de

viagem daqui. Um joalheiro muito habilidoso mora nessa cidade; no dia do mercado todos os outros joalheiros ficam de olho nele. Tão logo ele chega ao mercado, todos se põem ao seu redor. Então, o Joalheiro tira da bolsa uma pepita de ouro do tamanho de um ovo de galinha. Até hoje, ninguém nunca viu nem ouviu falar de uma pepita de ouro tão grande. Os olhos dos que a contemplam cintilam e as pessoas perdem o fôlego. Os que têm dinheiro se batem para comprá-la, competindo para fazer a melhor oferta. Os preços dos pretendentes aumentam cada vez mais, em uma negociação que prossegue por horas. No final, tudo se resume a quem paga mais. Acontece que, no último minuto, o Joalheiro muda de ideia. Ele tira da bolsa um grande pilão, põe o ovo dentro e o tritura. Depois derrama os flocos na palma da mão e assopra nos comerciantes. Enquanto a multidão se engalfinha para apanhar o pó, o homem que fez o lance mais alto tomba no chão.

— Tomba no chão? — indaga o Sultão surpreso. — Mas por quê?

— É justamente isso que eu gostaria de saber. Se vocês desvendarem o mistério do Joalheiro, eu conto minha própria história — ele respondeu.

Com o interesse deles aguçado pela história do Joalheiro, o Sultão e o Vizir aceitaram a proposta sem deliberar. Naquela noite, ficaram como convidados na casa do Cego, onde descansaram antes de partir ao nascer do sol na manhã seguinte.

Sobre as colinas e para muito longe eles se foram. No segundo dia de viagem, chegaram à cidade do Joalheiro.

O Sultão e o Vizir não perderam tempo. Foram direto para o mercado da cidade, onde hordas frenéticas de pessoas

se agitavam. Nossos viajantes caminharam entre uma cornucópia de alimentos que enchia as barracas: uvas, maçãs, avelãs e nozes. Havia sedas, trajes de cetim colorido, tapetes bordados e tapetes de lã preta e branca. O Sultão e o Vizir contornaram as barracas por algum tempo até se darem conta de uma multidão reunida perto de onde o mercado terminava. Quando chegaram lá, viram um homem em meio à multidão, gritando:

— Dou-lhe uma, dou-lhe duas...

— Este deve ser o homem que estamos procurando — sussurrou o Sultão.

Atravessaram a multidão de jovens e idosos, ricos e pobres, todos com os olhos voltados para o ovo de ouro que reluzia ao sol. Enquanto o homem gritava: "Dou-lhe uma... Dou-lhe duas...", possíveis compradores competiam entre si, aumentando continuamente o preço. Finalmente, um jovem elegante venceu a disputa pelo ovo de ouro. O vitorioso licitante abordou o Joalheiro com um sorriso e olhar de familiaridade, mas o Joalheiro não lhe prestou atenção e se manteve à parte. O homem enfiou a mão dentro da camisa e tirou de lá uma bolsa. Ele a entregou ao Joalheiro. Este examinou a bolsa e depois voltou o olhar para o jovem elegante com os olhos cheios de desdém. A mão segurando a bolsa pairou suspensa no ar. A multidão os observava sem dar um pio. Por fim, o Joalheiro empurrou a bolsa estendida, pronunciando as palavras com aspereza:

— Este ovo não pode ser comprado com o dinheiro de um canalha como você.

O homem ficou vermelho como um rabanete e baixou a cabeça. Puxando da bolsa um grande pilão de ferro perante

todos aqueles olhares pasmos, o Joalheiro atirou o ovo de ouro dentro e se pôs a triturá-lo. Nesse instante, o requerente do ovo passou de vermelho a macilento.

— Por favor, não faça isso — suplicou. — O acordo foi fechado e posso pagar mais se quiser.

Mas quem haveria de ouvi-lo? O Joalheiro continuava triturando o ovo de ouro. A cada golpe desferido por sua mão, o rosto do homem cobiçoso empalidecia e sua respiração ficava mais ofegante. O Joalheiro, no entanto, continuava a não lhe dar atenção, sovando aquele ovo com toda força até reduzi-lo a pedaços. A multidão observava em silêncio. Quando terminou, o Joalheiro se pôs de pé e ergueu o pilão para que todos o vissem. Depois esvaziou o conteúdo na palma da mão direita e parou por um momento, espreitando com desdém aquele homem, que ainda cobiçava os flocos de ouro com olhos súplices e trêmulos como se estivesse febril. No entanto, o Joalheiro não tinha nenhuma intenção de ser piedoso. Levantou a cabeça e assoprou os flocos de ouro no ar. À medida que a multidão se acotovelava, lutando para agarrar os flocos dourados, o homem que tanto desejava o ovo de ouro sentiu um aperto no coração e tombou. Ao mesmo tempo que aquela poeira dourada se espalhava pelo chão uniformemente, foi possível ver o homem cobiçoso desabar. Alguns comerciantes acorreram em seu auxílio, o ergueram e o carregaram para casa.

O Joalheiro então pegou a bolsa como se nada tivesse acontecido e, com convicção no seu passo, partiu. O Sultão e o Vizir o seguiram, como era de se esperar. Alcançaram o misterioso Joalheiro já na estrada.

— Gostaríamos de conversar com você — disse o Sultão, rispidamente.

O Joalheiro lhes lançou um olhar de surpresa.

— Eu não os conheço.

— Mas nós o conhecemos — disse o Sultão. — Momentos atrás você fez um homem cair de joelhos.

O Joalheiro sorriu amargamente:

— Receio que você não tenha visto muito bem o que aconteceu; foi a ambição que o derrubou, não eu.

— Que diferença faria se tivesse vendido o ovo? — o Vizir perguntou.

— É melhor você não se ocupar de assuntos dos quais não sabe nada — redarguiu o Joalheiro.

— Nesse caso, conte-nos, para que possamos saber do que se trata — afirmou o Sultão, chegando ao ponto que lhe interessava.

O Joalheiro olhou para ambos com desprezo.

— Eu vou lhes dizer, mas — prosseguiu ele — tenho uma pequena condição que devem aceitar primeiro.

— Seja ela qual for, você tem o nosso consentimento — disse o Vizir.

— O que quero que façam é bem simples — afirmou o Joalheiro. — Há uma cidade que fica a três dias de viagem daqui. Lá vive um ferreiro. Ele é um artesão habilidoso, um verdadeiro artista. Produz tulipas e jacintos do metal mais bruto. São peças tão impressionantes que chegam a fazer com que você veja as pétalas tremerem e sinta sua fragrância. As portas e janelas feitas por ele fariam vocês pararem para contemplá-las. Não poderiam passar sem

ficar olhando tais criações por horas. Só que algo estranho se deu com o Ferreiro. Ele passou a ter sérios embaraços. Esqueça as lindas tulipas, os jacintos... agora ele sequer é capaz de moldar uma ferradura.

— Por quê? Ele não quer mais trabalhar? — indagou o Vizir.

— Não, não é isso — disse o Joalheiro. — Pelo contrário, o coitado está ansioso. Ele abre a loja cedo todas as manhãs, veste o macacão, acende o forno e deixa o ferro no fogo até ficar vermelho como uma romã. Posiciona o ferro temperado com firmeza sobre a bigorna e apanha o mesmo martelo que durante anos fez dele um mestre. Justamente quando está prestes a baixá-lo, seu olhar é atraído para a parede à frente e ele paralisa, com o ferro em brasa na mão esquerda e o martelo na direita. Em seguida, larga o ferro e o martelo e corre em direção à parede como se ela não fosse uma parede, mas um vasto espaço vazio. Obviamente, ele se estraçalha ao bater contra a pedra dura. Por fim, acaba ensanguentado no chão. Eu estou perplexo com essa história do Ferreiro. Se vocês forem capazes de esclarecer o mistério por trás desse homem, eu contarei minha própria história.

O Sultão e o Vizir trocaram um olhar de cumplicidade.

— Está bem — disse o Sultão. — Vamos descobrir qual é a história do Ferreiro.

Verdade seja dita, os dois não se incomodavam muito com essa série de obstáculos. Comparada à monótona vida que levavam no palácio, a aventura ficava mais emocionante a cada minuto.

Naquela noite, o Sultão e o Vizir foram convidados a se hospedar na casa do Joalheiro, de onde partiram ao amanhecer.

Andaram durante três dias e três noites até chegar à cidade do Ferreiro na manhã do quarto dia.

Ao entrar na cidade, primeiro foram encher a barriga. No estabelecimento que servia uma sopa comunitária, onde pararam para comer, perguntaram sobre o Ferreiro. O proprietário reconheceu de imediato a quem se referiam.

— Se querem fazer negócios com ele — disse —, não aconselho. O pobre homem não pode mais fazer seu trabalho.

Quando explicaram que não estavam lá a negócios, o homem os encaminhou à oficina do Ferreiro.

O Sultão e o Vizir encontraram a oficina exatamente onde o homem havia indicado. Quando chegaram, o Ferreiro tinha acabado de erguer do forno o ferro em brasa e o levava à bigorna. Sem dar um pio, os dois se puseram a assistir, ansiosos para ver o que iria acontecer. Com grande prazer, o Ferreiro posicionou o ferro quente sobre a bigorna e ergueu o martelo. No entanto, quando estava prestes a baixá-lo, seu olhar deslizou para a parede à frente. O pobre homem ficou imóvel como se estivesse sob um feitiço. O Sultão e o Vizir acompanharam o seu olhar, mas não viram nada além da parede encardida. Mesmo assim, o brilho nos olhos do Ferreiro se tornou mais e mais intenso, até que, de uma vez, ele largou o ferro e o martelo e começou a correr em direção a ela. Correu até se chocar contra a parede a toda velocidade.

Estremecendo em face da dor que o Ferreiro estava sentindo, o Sultão e o Vizir correram para ajudar o pobre homem, agora jacente sobre uma poça ensanguentada. Eles lhe enfaixaram a testa e jogaram água em seu rosto.

— Quem são vocês? — perguntou inquieto, depois do choque e de abrir os olhos e vê-los sobre si.

— E isso importa? — questionou o Sultão. — Vimos você caído, sangrando no chão, e viemos ajudar.

O olhar do Ferreiro se suavizou com gratidão, a qual ele expressou com palavras.

— Apenas cumprimos nosso dever — disse o Sultão. — Mas se realmente quer nos agradecer... qual é o mistério que há por trás do que leva você a esquecer o que está fazendo e disparar na direção dessa parede? Conte-nos!

O Ferreiro respirou fundo.

— Não cutuque minha ferida. Mesmo se eu lhes dissesse, não acreditariam em mim. Ririam e me chamariam de louco pelas costas.

— Por que não acreditaríamos em você? — perguntou o Sultão. — Vamos, conte.

— Bem, se desejam mesmo saber — admitiu — vou contar, mas primeiro tem uma coisinha que quero pedir.

— Basta dizer — falou o Sultão. — Se estiver ao nosso alcance, por que não a faríamos?

— Não se preocupem, meu pedido é bem simples. Há uma cidade que fica apenas a quatro dias de viagem daqui. Nela vive um muezim. Ele é um homem tão bondoso e terno que todo mundo o ama e respeita, jovens e velhos. Recentemente, algo aconteceu com essa pessoa encantadora. Ele desistiu da condição de muezim. Agora, só vai à mesquita para fazer as orações do meio-dia. Ao chegar lá, não consegue tirar os olhos do minarete, mas não é um olhar vazio. Ao contrário, ele dá a impressão de que fica examinando o minarete à espera de um

sinal. Então, como se tivesse visto aquilo que procura, corre em júbilo na direção do minarete. Abre a porta rapidamente e dispara pelas escadas. Não se sabe o que acontece lá dentro, pois ninguém o segue. Mas logo depois ele desce, em frangalhos. Não há mais nenhuma alegria em seus olhos nem entusiasmo em seu rosto. Ele então cambaleia de volta para casa como se tivesse envelhecido naquela fração de segundo. Agora vocês entendem por que o mistério por trás desse homem desperta minha curiosidade? Se puderem resolver isso e me dizer o que está acontecendo com ele, em troca, eu conto minha história.

O Sultão lançou ao Vizir um olhar irrequieto, exprimindo sua indagação sobre onde tudo aquilo terminaria.

O Vizir riu, dando de ombros com ar de impotência, e disse:

— Não sei, não, Sua Alteza. Mas, com toda a honestidade, isso não me desagrada.

O Ferreiro, não compreendendo a frase, continuou:

— Então, concordam com as minhas condições?

— Concordamos — disse o Sultão. — Para ouvir sua história, descobriremos o mistério do Muezim.

No dia seguinte, o Sultão e o Vizir partiram novamente. Viajaram por quatro dias e quatro noites. Na manhã seguinte à quarta noite, atingidos pelo cansaço, chegaram à cidade do Muezim.

Durante as orações do meio-dia, os dois, que haviam se alimentado e descansado, estavam diante da mesquita. Sentaram-se no jardim do café em frente e cada qual pediu um pouco de água. Mas assim que se preparavam para levar a água aos lábios, o homem que estavam esperando apareceu no fim da rua. Eles o reconheceram pelo olhar fixo na direção do

minarete. O Muezim, um homem alto e formoso, caminhava devagar, com os olhos sempre fixos. O Sultão e o Vizir acompanharam seu olhar, mas não viram nada além de um antigo minarete de pedra desgastada se estendendo rumo ao céu. Sem dúvida, o que o Muezim via era algo interessantíssimo, seus olhos brilhavam e ele começou a saltitar de alegria. Em pouco tempo chegou à mesquita e num átimo entrou.

Era exatamente como o Ferreiro havia explicado. O Sultão e o Vizir olharam para o balcão do minarete, mas não viram o Muezim. Puseram-se a esperar pacientemente. Pouco tempo depois, o Muezim estava de volta à porta sem o menor resquício do esplêndido humor de antes. Ao passar por eles, seu rosto estava pálido e os ombros caídos. O Sultão e o Vizir pagaram pelos narguilés, embora ainda não tivessem terminado, e foram atrás dele. O pobre Muezim parecia completamente derrotado, e os dois homens hesitaram em se aproximar e perguntar: "Gostaria de nos contar sua história?".

Então eles repararam que o homem estava quase à porta de uma casa térrea.

— Oh, céus! — exclamou o Sultão. — Ele está indo para casa!

Correram até o Muezim, que caminhava tão absorto em seus próprios padecimentos que só notou o Vizir quando esse já estava sob seu nariz.

— Bom dia! — exclamou o Vizir.

O Muezim despertou de seu devaneio e, ao ver os dois estranhos, perguntou:

— Como posso ajudá-los?

— Estamos observando você há algum tempo — res-

pondeu o Sultão. — Vimos como entrou alegre no minarete e depois saiu dali sem nenhuma esperança.

O Muezim estava confuso.

— Então vocês estavam me observando? Mas por quê?

— Foi seu comportamento que chamou nossa atenção. Você é diferente das outras pessoas. Mesmo quando está apenas andando pela rua é como se vivesse num sonho. Quando olha para o minarete, fica claro em sua expressão que se depara com uma visão extraordinária; mas, nós, quando olhamos para o mesmo ponto, não conseguimos ver nada fora do comum. O que você enxerga naquele minarete que não somos capazes de ver? É para compreender isso que nós o seguimos.

O Muezim apontou para sua casa.

— Por favor, entrem. Conversaremos sobre isso lá dentro, se quiserem.

O Sultão e o Vizir agradeceram com satisfação. Depois que o Muezim deixou seus convidados entrarem, ofereceu almofadas confortáveis e providenciou refrescos.

— Agora, vamos tratar da sua pergunta — disse o Muezim. — Vou lhes contar o que vi no minarete. Antes, porém, gostaria que fizessem algo por mim.

Como você sabe, tanto o Sultão quanto o Vizir já tinham ouvido isso antes.

— Se estiver em nosso poder, certamente o faremos — declararam.

— Na verdade, meu pedido é simples — disse o Muezim. — Há uma cidade a cinco dias de viagem daqui; nela mora um homem que faz os chapéus mais bonitos do mundo. Ele

é tão meticuloso em seu trabalho que só faz um chapéu por semana. Ao terminar, leva o produto para o mercado, onde clientes esperam ansiosos. Então, uma acalorada negociação começa. No entanto, bem no meio de tudo isso, o Chapeleiro vê alguém na multidão, ignora as ofertas, larga o chapéu e sai correndo gritando: "Pare! Espere por mim!". O pobre Chapeleiro, como se estivesse tentando pegar alguém, segue assim até chegar a um cemitério. Lá, ele se atira a um túmulo, chorando até desmaiar. Como vocês podem ver, estou curioso para compreender os motivos que levam o Chapeleiro a fazer o que faz. Se vocês descobrirem e contarem para mim, eu digo o que vejo no minarete.

— Que assim seja — responderam o Sultão e o Vizir. Eles passaram a noite como convidados do Muezim e partiram pela hora das primeiras orações na manhã seguinte.

Viajaram cinco noites e cinco dias, cruzando distantes trilhas nas colinas... E exatamente na manhã seguinte à quinta noite, chegaram à cidade do Chapeleiro.

Foram diretamente ao mercado. Enquanto o atravessavam, viram na multidão um homem de cabelos brancos que se destacava entre os demais. Segurava um chapéu extraordinariamente elegante, feito do melhor material. Na hora, concluríram que se tratava do Chapeleiro. Juntaram-se então ao grupo e começaram a apreciar a cena. Pareceu bem comum a princípio: o Chapeleiro vendendo suas mercadorias. Então seu olhar foi atraído para algum ponto além da multidão. Era como se ele não ouvisse mais as vozes dos compradores e suas ofertas, cada vez maiores. O Sultão e o Vizir notaram a mudança no Chapeleiro. Concentraram-se em seguir seu olhar, mas não

conseguiram ver nada além dos espectadores. A contorção no rosto do Chapeleiro, no entanto, indicava a visão de algum tipo de espetáculo impressionante.

— Não vá! Não me deixe só! — implorava o Chapeleiro.

Enquanto isso, o Sultão e o Vizir avançavam pela multidão para investigar.

As pessoas ao seu redor pararam de fazer as ofertas e se puseram a observar o Chapeleiro com surpresa. Mas ele parecia simplesmente não ver mais nenhum deles. Estendeu a mão direita e gritou:

— Pare! Eu imploro, não me deixe!

A multidão, perplexa, timidamente deu passagem.

— Não me deixe! — repetiu o Chapeleiro, antes de jogar o chapéu no chão e começar a correr. Obviamente, o Sultão e o Vizir correram em seu encalço até chegar a um cemitério perto dos portões da cidade. Uma vez dentro, o Chapeleiro não retardou o passo: correu até um grande túmulo entre dois choupos altos. Quando o alcançou, parou e caiu de joelhos, irrompendo em lágrimas e estendendo os braços para abraçar o chão. Nosso Sultão e o Vizir assistiram a tudo sem saber exatamente o que dizer das ações do Chapeleiro, que soluçou ao pé do túmulo até desmaiar. O Sultão e o Vizir correram até ele no momento em que o pobre homem começou a se curvar semiconsciente. Eles o levantaram, carregaram até a fonte mais próxima onde lavaram o rosto e as mãos do Chapeleiro.

Quando ele recobrou os sentidos e viu os dois estranhos, foi pego de surpresa.

— Por que estão me ajudando? — perguntou.

— Nós também estávamos no mercado — disse o Sultão.

— Vimos o estado em que estava e ficamos tristes. Viemos atrás de você na esperança de poder ajudar.

— Agradeço — disse o Chapeleiro, abaixando a cabeça com tristeza. — Mas receio que ninguém possa me ajudar.

— Não diga isso! — exclamou o Sultão. — Toda doença tem sua cura; todo problema, sua solução.

— Não há solução para o meu problema — contestou o Chapeleiro. — Não tenho mais esperanças.

— Onde há vida, sempre há esperança — declarou o Sultão. — Talvez sua solução esteja conosco.

Um desdém sombrio se espalhou pelo rosto do Chapeleiro.

— Mesmo que todos os médicos do mundo se reunissem, não poderiam encontrar uma cura para o que me aflige. Não deem ouvidos ao meu lamento; sigam em frente com seus afazeres. Vão gastar sua energia à toa.

— Seja como for, estamos interessados em sua história — disse o Sultão. — Mesmo que ela nos entristeça, queremos ouvir.

— Por que insistem? — perguntou o Chapeleiro. — Não entendem? Minha história é terrível. As coisas mais dolorosas que vocês ouviram em toda a vida não farão frente ao que eu vou contar. Há tantas histórias, uma mais bonita que a outra, que trazem alegria às pessoas e despertam nelas a vontade de viver, mesmo assim, vocês querem ouvir a minha?

— Sem conhecer a dor, não podemos compreender a alegria — respondeu o Vizir. — O que você vai nos contar pode nos ajudar a ter uma vida mais plena quem sabe? De qualquer forma, viajamos nada menos do que cinco dias inteiros para conhecer sua história. Não nos faça ir embora insatisfeitos.

O Chapeleiro ficou chocado.

— Percorreram todo esse caminho? Por que minha história os interessa tanto? — ele perguntou.

Nossos dois viajantes explicaram tudo. O Chapeleiro ouviu atentamente.

— Está bem — disse ele. — Conto minha história com uma condição.

Uma sombra pareceu pairar sobre o rosto do Sultão e do Vizir.

— Não precisam ter medo — disse o Chapeleiro. — Eu não os enviarei para uma nova viagem de seis dias. Também quero ouvir as histórias que vocês vão ouvir; o que me disseram me deixou intrigado. Não vou descansar enquanto não ouvir os segredos do Cego, do Ferreiro, do Joalheiro e do Muezim. Se me derem a palavra de que voltarão aqui e me contarão essas histórias depois de ouvi-las, eu conto a minha.

O Sultão e o Vizir aceitaram a oferta e o Chapeleiro começou a contar...